

Castro de Vila Nova de S. Pedro

II - Alguns objectos metálicos

Por Afonso do PAÇO

M.^a de Lourdes COSTA ARTHUR

Dentre os objectos metálicos recolhidos nas últimas campanhas de escavações do castro de Vila Nova de S. Pedro, que ainda não foram motivo de estudo especial, seja-nos permitido destacar os seguintes:

- um machado espalmado, tipo argárico,
- uma cavilha,
- um escopro,
- uma sovela,
- um serrote,
- um fragmento de machado,
- um fragmento de anel,
- um fragmento de cinzel,
- um estilete.

Deste conjunto (fig. 1), o mais curioso para nós é sem dúvida o machado tipo argárico (n.º 1), encontrado no primeiro dia de escavações da campanha de 1949, por cima do que pretendemos seja a elevação ou muralha que rodeia o morro central do castelo, a uns 40 centímetros da superfície actual do solo, imediatamente abaixo das camadas de terra aravel que a charrua revolvía todos os anos por ocasião das sementeiras (1).

(1) AFONSO DO PAÇO e MARIA DE LOURDES COSTA ARTHUR. "Castro de Vila Nova de S. Pedro: 1-15ª campanha de escavações (1951)". "Brotéria", vol. LIV, Lisboa, março de 1952.

Com a cavilha (n.º 2), o escopro (n.º 3) e um fragmento amorfo, formava um curioso agrupamento encontrado logo no início dos trabalhos e que, pelo facto de se achar fora do alcance da utensilagem agrícola, conseguiu chegar até nós, tantos anos volvidos, tal vez na posição em que foi abandonado pelos seus detentores (fig. 2).

O machado é sem dúvida uma peça bem lançada, que levou o professor Dr. Georges Leisner a dizer que era o mais argárico de todos os machados argáricos que tinha visto (2).

Já nas primeiras campanhas e fora do morro central, se tinha encontrado um exemplar (fig. 3, n.º 5) que com ele mantém ligeiras semelhanças (3).

Pertence ao período que Santa-Olalla chama do Bronze Mediterrâneo II (4), e ultimamente Maluquer de Motes (5) e L. Pericot (6) do Bronze II, conforme classificação proposta pelo congresso de Almeria.

A cavilha de cobre, que estava como disemos junto do machado e do escopro, não pertenceu certamente a nenhum deles e pela inclinação que apresenta parece ter sido empregada num objecto resistente, sendo o martelado das duas extremidades sinal evidente de ter sido utilizada.

O escopro, também de cobre, mede de comprimento 206 milímetros, é de secção quadrangular, sem indício de cabeça, que não deve ter existido, ou sinal de percussão. A outra extremidade abre em leque e a parte cortante está bem afiada.

Há vários escopros provenientes de estações portuguesas do Bronze e mesmo de Vila Nova possuímos alguns exemplares (7) que terminam em ponta aguçada (fig. 3, n.º 1). É-lhe comparavel, posto que de secção poligonal, um de Santiago de Cacem (fig. 3, n.º 2) a que se refere o professor Dr. José Leite de Vasconcelos na sua "História do Museu Etnológico Português" (8).

A sovela (fig. 1, n.º 4), aguçada nas duas extremidades, é igual a muitas outras desta estação, contudo de maiores dimensões.

Do morro central provem o serrote (n.º 5), peça curiosa, quer pelo tamanho, quer pela perfeição do dentado.

Já em campanhas anteriores nos referimos a outros fragmentos de

(2) Por ocasião da visita às escavações com sua Exma. Esposa D. Vera Leisner, em 22 de Julho de 1949.

(3) AFONSO DO PAÇO e EUGENIO JALHAY. "A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro". "Brotéria", vol. XXVIII e XXIX, Lisboa, 1939, fig. 28.—EUGENIO JALHAY y AFONSO DO PAÇO. "El Castro de Vilanova de S. Pedro". "Soc. Esp. Antr. Etnog. Prehist.", tomo XX. Madrid, 1945. Lám. XVII, fig. 11.

(4) JULIO MARTINEZ SANTA-OLALLA. "Esquema paletnológico de la península hispánica", Madrid, 1946.

(5) J. MALUQUER DE MOTES. "Concepto y periodización de la edad del bronce peninsular". "Ampurias", vol. XI, Barcelona, 1949.

(6) LUIS PERICOT GARCIA. "La España primitiva", Barcelona, 1950.

(7) "A póvoa eneolítica..." "Brotéria". Vol. XXVIII e XXIX, fig. 28; volumen XXXIV, fig. 23. — "El castro...", lám. n.º 22; lám. n.º 14.

(8) DR. J. LEITE DE VASCONCELOS. "Historia do Museu Etnológico Português", Lisboa, 1915, pág. 359, fig. 28.

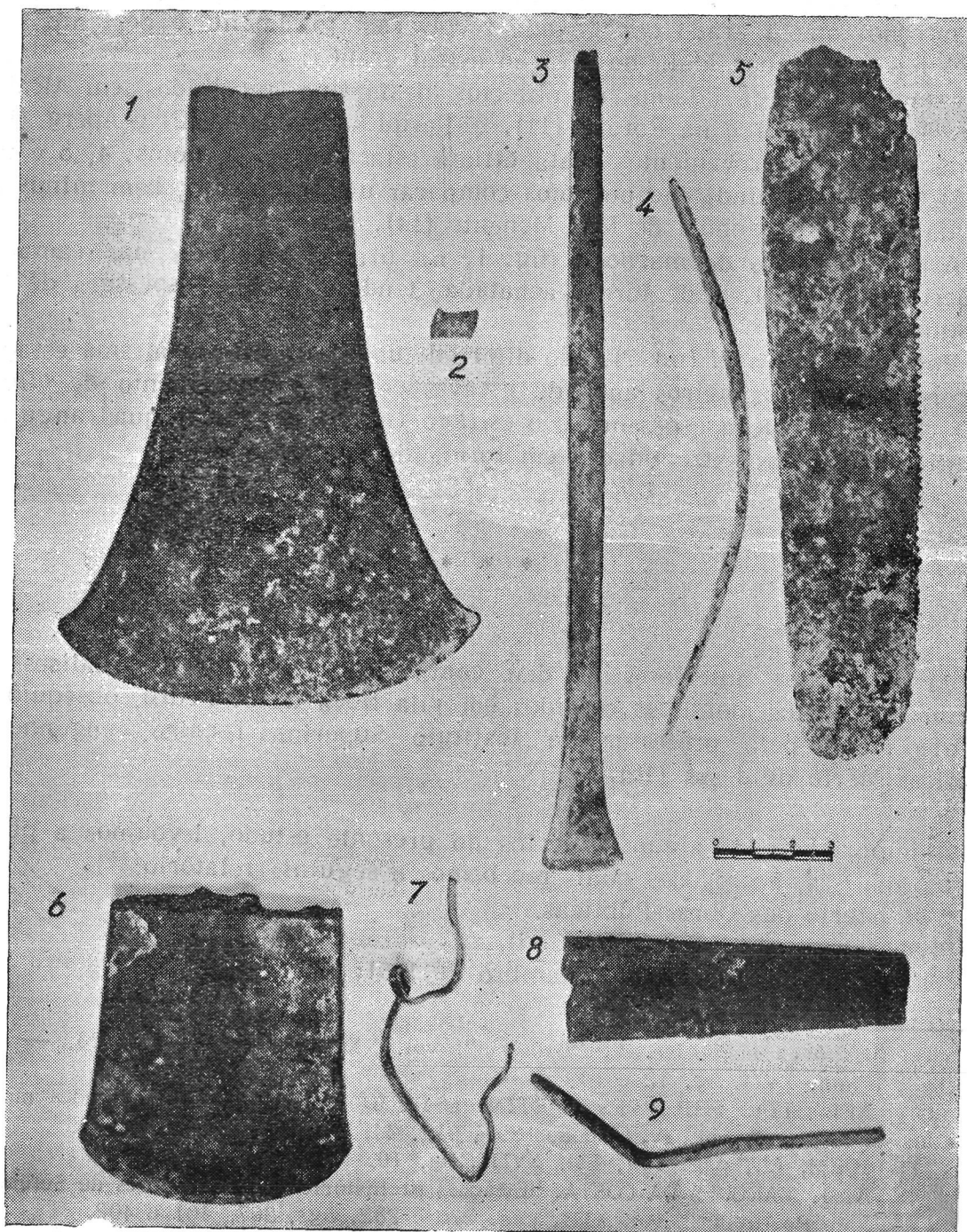


Fig. 1

serrotes deste castro (fig. 3, núms. 6 e 7), bastante mais pequenos e sem dentado tão perfeito (9).

Enquanto o exemplar do presente estudo pode ser localizado nas camadas superiores do morro central, os outros dois provem do exterior do mesmo, de terrenos que o arado e a enxada revolveram totalmente e portanto sem deles haver a menor ideia de posição estratigráfica.

Estácio da Veiga fala-nos de objectos deste tipo recolhidos em Alcalar (fig. 3, n.º 3) (10) e na Rotura (11), e Marques da Costa (12) e Aberg (13) ainda de outros provenientes desta última estação (fig. 3, núms. 4, 8 e 9).

Se quisermos ainda lhe podemos comparar um fragmento, bem minúsculo, da estação espanhola de Mas Menente (14).

A parte inferior do machado (fig. 1, n.º 6), foi recolhida nas camadas superiores de 1951, é de forma achatada, tendo a meio a espessura de 1,5 centímetros.

Por sua vez o anel (n.º 7), não difere de um similar desta mesma estação encontrado nos primeiros anos de escavações (15), o fragmento de cinzel (n.º 8) é de pequena espessura e o estilete (n.º 9), de secção quadrangular, termina numa das extremidades em forma de cunha.

* * *

Já em relatos anteriores se deu conta dos resultados de análises de alguns elementos metálicos colhidos em Vila Nova de S. Pedro, obsequiosamente feitas pelo professor do Instituto Superior Técnico, engenheiro Amílcar Mário de Jesus (16).

A importância de alguns objectos do presente estudo, levou-nos a pedir novas análises, acerca dos quais recebemos o seguinte relatório:

”Ministério das Obras Públicas.

”Laboratório de Engenharia Civil.

”Ofício n.º 1499 de 29 de Dezembro de 1951.

(9) “A povoação eneolítica...”, “Brotéria”, vol. XXVIII e XXIX, fig. 28. — “El castro...”, lám. XVII, fig. 12 e 14.

(10) SEBASTIAO PHILIPPES MARTINS ESTACIO DA VEIGA. “Antiguidades monumentais do Algarve”, vol. IV, Lisboa, 1891, pág. 44, Est. III, fig. 15.

(11) IDEM, *Id.*, pág. 144, Est. XVIII, fig. 10.

(12) A. J. MARQUES DA COSTA. “Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal”. “O Archeologo Português”, vol. XIII, pág. 276 e 282, figs. 397, 401 e 402.

(13) NILS ABERG. “La civilisation énéolithique dans la péninsule ibérique”. Halle 1921; págs. 89-90.

(14) LUIS PERICOT y FERNANDO PONSELL. “El poblado de Mas Menente (Alcoy)”. “Arch. Preh. Levantina”, vol. I, Valência, 1928, pág. 103, lám. II, fig. 2.

(15) “A povoação eneolítica...”, “Brotéria”, vol. XXVIII e XXIX, fig. 30. — “El castro...”, lám. XIX, fig. 35.

(16) “A povoação eneolítica...”, “Brotéria”, vol. XXVIII e XXIX; págs. 31 e 33.

"Excmo. Sr. Director Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

"Praça do Comercio.—Lisboa.

"Em referência ao officio n.º 10868 de 15 de Novembro último, tenho a honra de comunicar a V. Ex.^a que as análises dos metais de que eram feitos os dois instrumentos pré-históricos enviados (amostra n.º 7229) apresentaram os seguintes resultados:

"Amostra n.º 1.—Troço de instrumento cuneiforme, fracturado no topo superior. É confeccionado de cobre com 99,1 % de pureza (17).

"Amostra n.º 2.—Apresenta a configuração de machado de gume de curva acentuada. A metade superior está obliterada.

"É de bronze e revela a seguinte composição:

cobre	— 87,93
estanho	— 10,38
zinco	— 0,48
chumbo	— 0,32
ferro	— 0,28 (18)

"Neste instrumento (amostra n.º 2), o teor de estanho encontrado, é ainda normal hoje, pois só nos bronzes especiais ele é, total ou parcialmente, substituído por alumínio, chumbo, zinco, etc.

"No bronze analisado os restantes metais existem como impurezas e não certamente como adição intencional.

"Aponta-se o interesse que teria reconhecer se a metalurgia indígena revelada na estação em estudo seria integral, esta é: se a oficina pré-histórica utilizaria além dos minérios de cobre - as nossas cassiterites aluvionais como minério de estanho ou se este seria metal trazido de outra origem.

"Os resíduos e jorras de fundição existentes na oficina poderiam responder a esta questão.

(17) Trata-se do fragmento n.º 6 da fig. 1.

A propósito da composição deste objecto, seja-nos lícito transcrever, a título de curiosidade, os resultados da análise de uma lança proveniente das grutas de Cascais:

cobre	— 88,87
estanho	— 0,50
chumbo	— 0,33
zinco	— 0,21
ferro	— 1,22
insolúvel	— 7,31
não doseados	— 1,56

100,00

ALFREDO BEN-SAUDE. "Notice sur quelques objets pré-historiques fabriqués en cuivre". "Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal", Tomo II, Lisboa, 1892, pág. 199 ss. — AFONSO DO PAÇO. "As grutas do Poço Velho ou de Cascais". "Comunicações dos Serv. Geol. de Portugal". Tomo XXIII, Lisboa, 1942, p. 26.

(18) Machado n.º 1 da fig. 1.

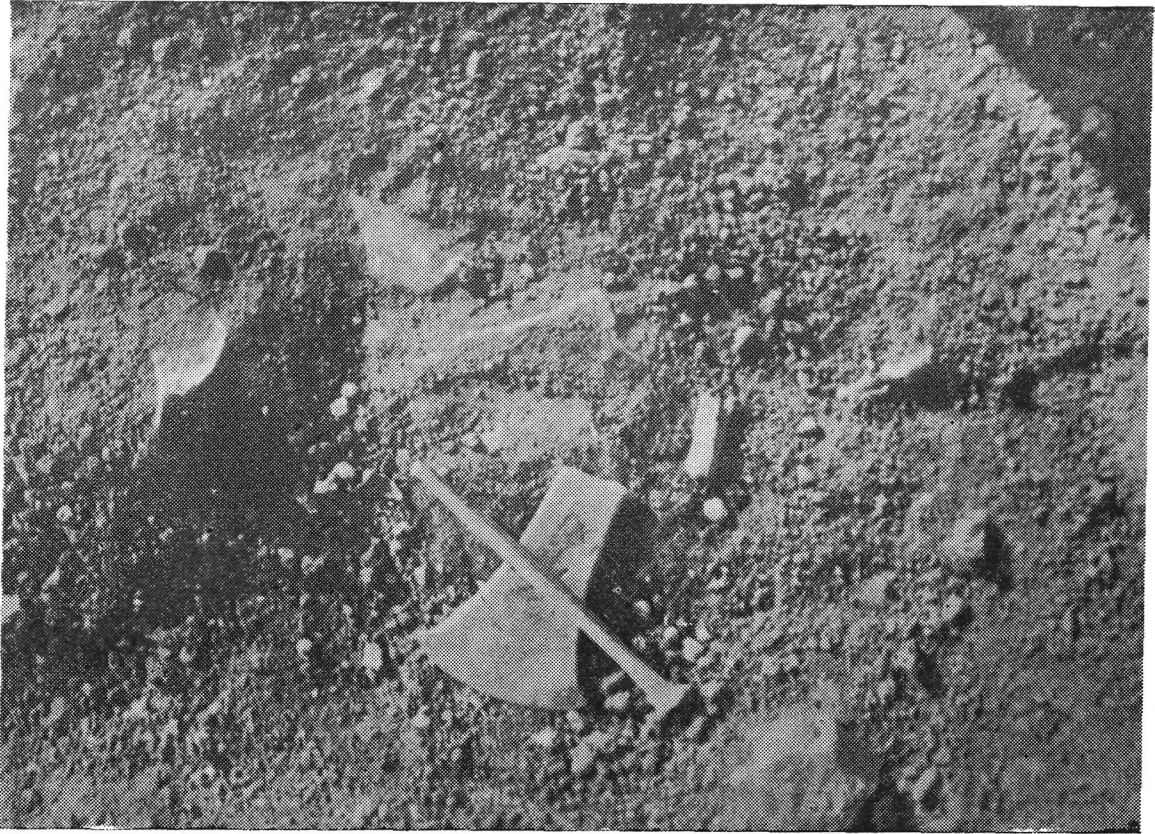


Fig. 2

"Sugere-se também o exame metalográfico dos dois instrumentos, o qual
"poderia ser feito com pequeno dano das peças.

.....

"O engenheiro chefe do serviço de Estudo e Ensaio de Materiais

(a) *Carlos Martins de Oliveira*" (19).

Confirmada a existência de objectos de bronze em Vila Nova de S. Pedro, pode dizer-se que a liga de cobre e estanho usada no seu fabrico era, tantos milhares de anos volvidos, idêntica à que vigora entre os metalúrgicos de hoje.

Um dos problemas que nos surgiu neste castro é o de saber se os povos argáricos de que se notaram vestígios logo de início, ali permaneceram longamente, ou apenas como invasores puzeram termo à povoação existente, passando sobre as ruínas fumegantes sem se deterem.

(19) Ao Ex.mo engenheiro J. Aparicio e demais pessoal que trabalhou nas análises do espólio de V. N. de S. Pedro, os nossos sinceros agradecimentos.

Ora uma das provas que buscamos é a de conhecer se no castelo se exerceu apenas a metalúrgia do cobre, ou também a do bronze, e para isso procuraremos obter das análises químicas e outras, dentro dos nossos

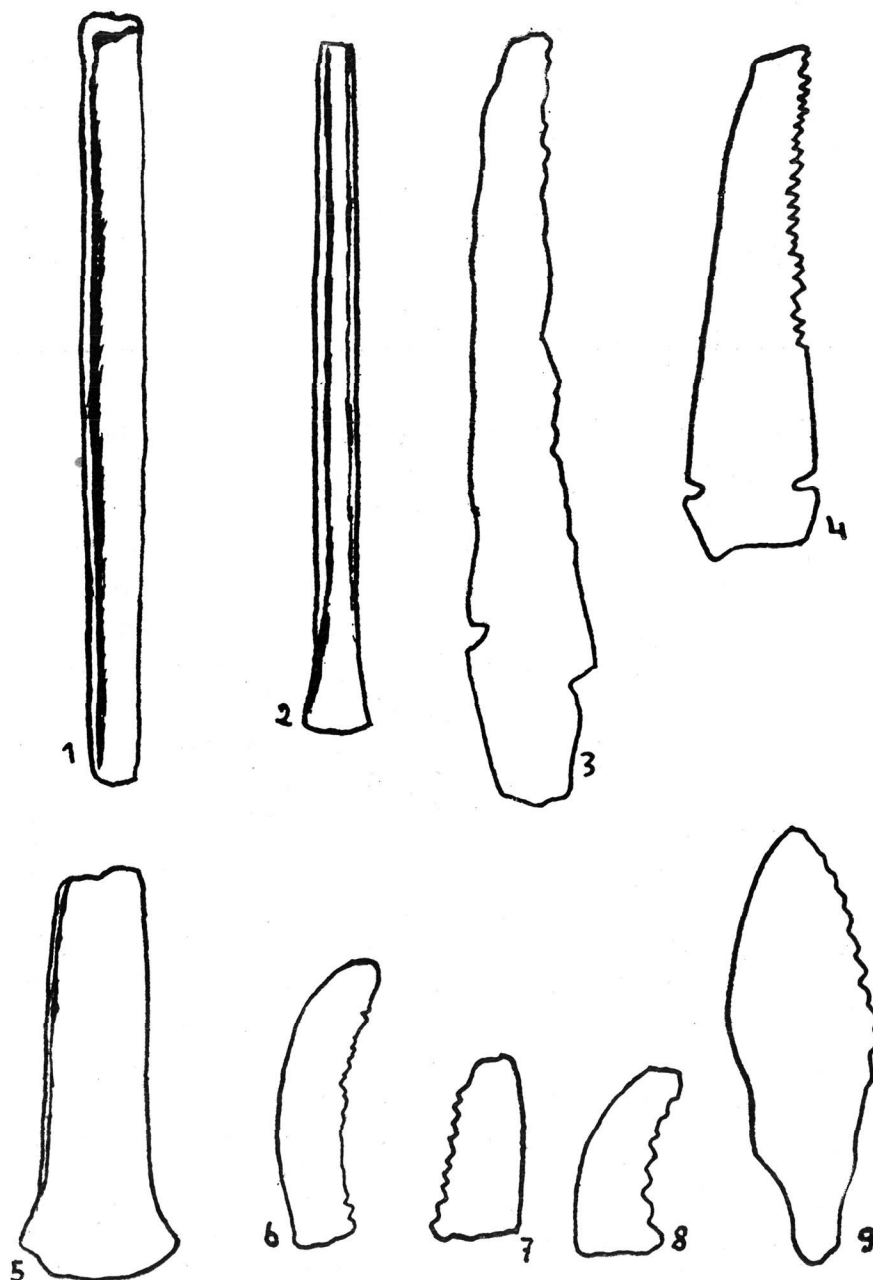


Fig. 3

recursos financeiros, todos os elementos que nos permitam desvendar esta incógnita, afim de poder afirmar com relativa segurança, se a passagem dos argáricos foi longa ou fugaz.

Não dispensando a colaboração do maior número possível de cientistas especializados que nos auxiliassem no estudo do espólio recolhido, dirigimos-nos ao engenheiro-agrônomo J. Vieira Natividade, que depois de

reconhecer o pinheiro e a cortiça entre duas espécies analisadas, nos diz sobre uma terceira (20):

.....

"3) *Escórias*: Os fragmentos de substância esponjosa colhidos junto do "grande vaso" são escórias provenientes da combustão de um carvão natural fossilizado, do tipo da ulha, ou de uma linhite com características de transição para a ulha. Como o castro de Vila Nova de S. Pedro parece ter sido um centro metalúrgico, é de admitir que estas escórias provenham de fornos de fundição de metais" (21).

.....

O emprego deste "carvão" abre-nos um novo campo de investigação pelo que respeita à metalúrgia indígena de Vila Nova de S. Pedro e os relatórios transcritos vem-nos demonstrar que tal problema está aqui apenas aflorado, sugerindo um mundo de investigações que a moderna técnica científica nos permite antever e que o Laboratório de Engenharia Civil e outras entidades, com a aparelhagem de que dispõem, poderão levar a bom termo.

Na escavação deste castro não tem para nós interesse o número de objectos recolhidos com que possamos enriquecer as estantes de um museu, mas sim a resolução dos complicados problemas que a cada passo nos surgem.

A arqueologia de hoje tem de sair da fase de recolha e catalogação de materiais para simples exposição. Necessita de lançar mão de todos os processos da técnica, trabalhar conjuntamente com os outros ramos do saber humano que, no campo das suas especialidades, se debruçam sobre o espólio vindo do seio da terra, extraindo dele por sua vez, tudo o que a ciência moderna possa apreender, de modo a reconstituir-se, na medida do possível, a vida daqueles que nos precederam sobre o tablado do mundo.

É que a arqueologia, pela sua complexidade, mais do que ninguém, necessita da colaboração das outras ciências.

Assim como o historiador precisa de se integrar, melhor direi, viver a época que pretende estudar, assim o arqueólogo se vê forçado a conhecer, nos seus menores detalhes, as gentes sobre que trabalha.

Emquanto a acção do historiador está facilitada pela documentação e relatos que se possuem, o arqueólogo tem a sua missão muito dificultada pela carência de elementos, baseando-se apenas em escassos objectos, travejamento afundado de um edifício que ruíu por completo.

(20) "Castro de Vila Nova de S. Pedro: 1ª-15ª campanha de escavações (1951)".

(21) Ao Ex.mo engenheiro-agrônomo J. Vieira Natividade, em cujas veias corre sangue de um arqueólogo de renome, reiteramos os nossos agradecimentos.

Os laboratórios anexos a museus, posto que necessários para reconstituições e pequenos reconhecimentos, já nos bastam. Hoje é necessária a colaboração de instituições devidamente apetrechadas de material científico e dispendo de pessoal técnico especializado que com gosto estude o que uma escavação nos pode revelar, competindo depois ao arqueólogo, com os elementos recebidos, elaborar a obra de conjunto (22).

Lisboa, Fevereiro de 1952.

(22) As escavações do castro de Vila Nova de S. Pedro são subsidiadas pelo Ministério das Obras Públicas — Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.